

DOSSIÊ

Violências, sociabilidades e resistências nas margens das cidades brasileirasRachel Barros¹Marcelo Campos²Palloma Menezes³

O presente dossiê debate como violências e resistências relacionadas aos conflitos urbanos multiplicaram-se e diversificaram-se no Brasil nos últimos anos. A proposta parte da ideia de Machado da Silva (2008) de que a violência urbana é uma representação coletiva que confere sentido às experiências vividas nas cidades e que orienta instrumental e moralmente o curso da ação de seus habitantes. Além disso, tem o pressuposto de que para compreender a violência urbana é necessário considerar a sua dimensão territorial.

Especialmente as favelas e periferias brasileiras têm seu cotidiano marcado por múltiplas formas de violência e resistências. Entendidas como a transmutação dos quilombos (Campos, 2005), favelas e seus moradores são frequentemente representados no debate público como uma ameaça. Nestas dinâmicas, marcadores de raça e gênero são elementos fundamentais, pois estabelecem o diálogo com o passado colonial e contribuem para visibilizar desigualdades e especificidades territoriais presentes nas margens das cidades (Das e Poole, 2004).

Segundo Alvarez, Campos e Salla (2024), as Ciências Sociais brasileiras chegam ao tema da violência e das instituições de controle social sobretudo a partir dos anos 1970. Alguns trabalhos dessa década – Paoli (1974), Ferreira (1979), Perlman (2002 [1977]), e Kowarick (1977 e 1979) – não trataram violência e criminalidade como um campo científico autônomo, mas inserindo-os no debate da sociologia urbana, da sociologia política e da economia como fatores associados à pobreza, espoliação e “marginalidade social” (Teixeira, 2016). Com o passar do tempo, temas relacionados à violência e aos mecanismos de controle social ganharam certa autonomia como objeto de estudo em relação ao seu papel na reprodução das formas de dominação social e desigualdades sociais (Alvarez, Campos e Salla, 2024).

Vários artigos que compõem este dossiê dialogam com discussões sobre o papel da punição e do sistema de direito criminal na produção das desigualdades e violências. Acreditamos ser fundamental olhar para as especificidades do Brasil, analisando mudanças nas dinâmicas punitivas (Campos e Azevedo, 2020; Sozzo, 2017; Salla e Teixeira, 2020; Campello e Alvarez, 2022; Campos e Lima, 2021, Camargos, 2021), tendo em vista o crescimento significativo da população encarcerada no país nas últimas décadas (Fassin, 2017).

Os textos selecionados retomam também debates propostos por pesquisas pioneiras que relacionam violência, espaço civil e movimentos sociais (Paoli, 1982; Zaluar, 1983; Machado da Silva, 1994; Telles, 1994). Além disso, dialogam com a literatura mais recente que analisa violência urbana brasileira a partir da intensificação de: atuação de grupos criminais; dinâmicas de atuação estatal; ocorrência de chacinas; expansão das milícias; casos de desaparecimentos forçados.

1 Doutora em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pesquisadora do Cidades - Núcleo de Pesquisa Urbana/UERJ e Integrante do Comitê Cidadania, Violência e Gestão Estatal da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). E-mail: barrosdeoliveira.rachel@gmail.com

2 Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do Laboratório de Metodologia em Ciências Sociais da UFJF e do Grupo de Estudos Violências e Territórios. Doutor em Sociologia pela USP e pesquisador do INCT-InEAC. E-mail: celo.campos@gmail.com

3 Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), coordenadora do BONDE - coletivo de pesquisa sobre violências, sociabilidades e mobilidades urbanas (IESP-UERJ) e do Dicionário de Favelas Marielle Franco (FIOCRUZ). E-mail: palloma.menezes@iesp.uerj.br

As reflexões reunidas no dossiê acompanham um giro analítico dos estudos urbanos sobre resistências nas margens. Os anos 2000 representam um momento especial nessa trajetória, pois favoreceram a constituição do morador de favelas e periferias como sujeito político. Aliada à uma conjuntura de maior mobilidade social, sobretudo a partir dos efeitos de políticas públicas redistributivas, proliferaram grupos e coletivos reivindicando inserção na arena política enquanto forma de organização social (Aderaldo, 2013).

Emergiram “sujeitos periféricos” conectados em rede com movimentos sociais, usando tecnologias de informação para problematizar questões de identidade racial, classe e gênero. Ressaltamos que a organização e reivindicação coletiva (e individual) dos sujeitos e movimentos sociais também sofreu influência da perspectiva pós-colonial, que traz em seu bojo o debate sobre resistências negras e indígenas (Fanon, 2008 e 2010; Scherer-Warren, 2010; Guimarães, 2008). Tal mudança de perspectiva aparece não só na organização da sociedade civil, mas também em formas de representatividade política institucional via aumento da participação de mulheres negras e pessoas LGBTQIAPN+ em partidos e pleitos eleitorais, proposições legais focadas em gênero e raça, ampliação das denúncias sobre violência política, mandatos e mandatos coletivos, inaugurando novas formas de participação e representação.

Mais recentemente, a pandemia da Covid-19 criou um ponto de inflexão no longo histórico de mobilização dos(as) moradores(as) de favelas e periferias brasileiras. Entre 2020 e 2021, ações coletivas, articulações em redes e produção própria de dados e informações - o chamado “nós por nós” - fortaleceram-se intensamente (Fleury e Menezes, 2020; Menezes, Magalhães e Silva, 2021). Nesse mesmo período, intensificaram-se no Rio de Janeiro as incursões policiais, submetendo a população mais vulnerável ao contágio pela Covid-19 a diversas práticas violentas, situação que mobilizou organizações da sociedade civil a reivindicarem a suspensão das operações policiais durante a pandemia, através da ADPF 635 (Barros, 2021).

O presente dossiê reúne pesquisadoras/es que se dedicam a refletir sobre a multiplicidade das violências e a diversidade das resistências no espaço urbano brasileiro. A proposta inclui 15 artigos, uma tradução e uma resenha que debatem sobre contextos diversos de quatro regiões do país (Sudeste,

Sul, Norte e Nordeste). Para facilitar a apresentação, organizamos os trabalhos em cinco grandes blocos que debatem violências e resistências a partir de reflexões sobre: 1) trajetórias urbanas, ilegalismos e cotidiano; 2) constituição de imaginários e de aspectos simbólicos em disputa entre grupos armados; 3) políticas de segurança, de saúde e de drogas; 4) conflitos urbanos e mobilizações coletivas a partir de dinâmicas laborais, culturais, religiosas e literárias; 5) representações e auto representação das margens.

Iniciamos a primeira parte do dossiê com dois artigos e uma tradução que partem de trajetórias urbanas para analisar experiências marcadas por entrelaçamentos entre malhas da justiça criminal, política de segurança e “textura do cotidiano” - com forte influência de Veena Das. Os textos buscam compreender gestões de ilegalismos populares a partir da análise do percurso de homens e mulheres consideradas indesejáveis, pobres urbanos que têm suas vidas afetadas por dispositivos de controle.

Vera Telles, Ada Carvalho, Ana Clara Klink, Ananda Endo, Flavia Saviani e Paula Braud no artigo “Tramas da vida e maquinaria punitiva: vidas enredadas nas malhas da justiça criminal” descrevem os percursos de homens e mulheres que passaram pela prisão e que têm suas vidas afetadas por dispositivos de controle nos meandros da expansiva informalidade urbana. Os percursos das vidas enredadas permitem entender os modos operatórios da gestão dos ilegalismos populares. E, ao mesmo tempo, trazem aspectos pouco trabalhados nas pesquisas sobre os efeitos societários do encarceramento em massa nas margens da cidade.

Márcia Leite e Jorge Santana analisam a trajetória de uma moradora de favela que ganha a vida trabalhando nas ruas na zona norte do Rio de Janeiro. Sua vida laboral é profundamente afetada pelo “Segurança Presente”: um dispositivo de segurança que atua em determinados territórios da cidade, buscando expulsar indesejáveis e demais pobres urbanos. A trajetória da moradora nos ajuda a compreender uma política que produz fronteiras, postos de controle, discriminação e criminalização de quem vive nas favelas e precisa ultrapassar os limites de seus territórios de moradia para “ganhar a vida”.

Camila Pierobon, na tradução do texto “Crime e castigo, corpo e espírito: a guerra nas tramas íntimas de uma família”, discute como tortura

e morte compõem “texturas da vida cotidiana” e tecem relações de família e vizinhança como condição durável. A partir da experiência de uma mãe cuja filha trabalhou para o tráfico de drogas, foi torturada por policiais militares, ameaçada de morte pelos traficantes locais e ficou nove meses presa, a autora analisa como a guerra às drogas se tece aos modos de existência, às maneiras de se estabelecer relações uns com os outros e na própria formação da pessoa como sujeito.

Se os três primeiros textos do dossiê tratam dos efeitos da violência a partir do cotidiano, os três artigos seguintes refletem sobre os impactos de modalidades de presença de grupos armados em contextos urbanos a partir de debates sobre constituição de imaginários sociais e de aspectos simbólicos em disputa. Os autores evidenciam os entrelaçamentos entre disputas de territórios e de moralidades a partir de marcações simbólicas que podem estar associadas a músicas de facções de Fortaleza; a tatuagens, pichações e outras marcações de coletivos criminais de Pelotas; ou mesmo a uma cancela fechando a entrada de uma rua da Zona Sul do Rio de Janeiro que foi lida como símbolo da chegada da milícia. Esses trabalhos reforçam a importância de olhar para dimensões simbólicas da atuação de facções e milícias para compreender transformações na acumulação social da violência e ampliações nos marcos discursivos do crime.

Luiz Fábio Paiva em “No Ceará, o crime se espalhou: sobre as facções criminosas nas periferias da cidade de Fortaleza” discute como grupos armados se consolidaram em bairros localizados em periferias cearenses, afetando de maneira significativa a vida de quem reside, trabalha, atua politicamente e circula nesses territórios. O autor analisa a experiência, de sentir a vida moldada pelo mando de pessoas associadas e dispostas a usar a força como meio de controlar territórios, mercados e rotinas sociais.

“Espólios simbólicos da “guerra de facções” em Pelotas/RS”, de Henrique Jeske e Simone Gomes, analisa as marcações representadas por pichações e tatuagens feitas por ou em nome de facções no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O texto apresenta os resultados da pesquisa etnográfica realizada durante dois anos, que analisou 55 fotografias e entrevistas com 37 atores-chave entrevistados, entre policiais, pesquisadores, ativistas da causa carcerária e indivíduos autointitulados membros de facções. A partir desse material, os autores discutem o avanço e

reconhecimento das facções criminosas, contraposto ao discurso estatal que autorreferencia seu poder de controle e boas práticas na segurança pública.

“O reflexo do medo: a imagem das milícias como sinônimo de violência a partir de um conflito simbólico ocorrido na Zona Sul do Rio de Janeiro”, de André Luiz Soares, aborda uma situação de conflito diante da oferta de segurança privada a moradores de uma vizinhança carioca. O objeto estudado é a classificação, por parte de moradores, dessa oferta como uma iniciativa miliciana. O autor busca compreender o que o medo despertado pelas milícias produz em termos de sociabilidade em um determinado local, quais suas implicações em termos de temporalidade e suas relações com as representações sociais da violência urbana.

Interseções entre violência urbana, políticas de segurança pública, de saúde e de drogas são abordadas pelos três artigos seguintes do dossiê. As autoras e autores dos trabalhos indicam como a chamada “guerra às drogas” reforça desigualdades e mais atrapalha do que ajuda na garantia a direitos fundamentais como o acesso à saúde e segurança pública. A partir de enquadramentos diversos, os textos mostram como essa “guerra” reforça a precarização das vidas tanto de quem trabalha para garantir o acesso à saúde nas “margens do Estado”, quanto de quem habita esses territórios e é permanentemente criminalizado, especialmente, se consome algum tipo de droga considerada ilícita.

“Des(enquadramentos) dos conflitos armados em favelas do Rio de Janeiro: quando os trabalhadores do SUS movimentam o cuidado e suas ações para o lugar de moradia das populações”, de Viviani Costa, Tatiana Baptista e Marize Cunha, trata dos impactos que o cotidiano da violência nas favelas do Rio de Janeiro gera sobre os trabalhadores da atenção básica de saúde. A partir de entrevistas, as autoras mostram como protocolos estabelecidos pelo sistema de saúde em situações limites não funcionam e como a recorrência dos conflitos armados cria um processo de vidas precarizadas.

“Maconha, saúde, lazer e criminalização: observações sobre um caso de uso de maconha medicinal na periferia de Belém-Pará”, de Bruno Passos, debate como raça, classe e territorialidade impactam na gestão de políticas de saúde e segurança pública. O estudo trata do caso de uma jovem negra morado-

ra da periferia de Belém, que durante uma gestação complicada decidiu utilizar um medicamento à base maconha para o alívio da dor. O autor debate sobre a sobreposição de violências, articulando racismo institucional, violência obstétrica e segregação espacial para analisar caminhos que a jovem trilha em busca de assistência e cuidado.

Marcos Verissimo e Perla Alves em “Viveiros de gansos e viveiros de patos: um estudo sobre práticas policiais envolvendo apreensão de drogas no estado do Rio de Janeiro” descrevem e interpretam uma modalidade de emprego da força policial em decorrência do cumprimento da Lei 11.343, de 2006, conhecida no Brasil como Lei de Drogas. A partir de um trabalho de campo de inspiração etnográfica, os autores analisam os efeitos práticos dessa tecnologia política e legal, apontando a dificuldade das forças policiais em operar na lógica da administração institucional de conflitos, uma vez que são parte constitutiva dos mesmos.

Conflitos urbanos e mobilizações coletivas são o centro da quarta parte do dossiê. Este bloco reúne artigos que refletem sobre violências e resistências a partir de dinâmicas laborais, culturais, religiosas e literárias. Os trabalhos trazem debates sobre conflitos urbanos associados à terra, relações raciais e de gênero. Ao analisar experiências em ocupações urbanas, congadas, trajetória de trabalhadoras domésticas e sexuais e produções literárias, os autores mostram a diversidade das mobilizações coletivas e apontam para ampliação da ideia de resistências urbanas.

O artigo “Violências e resistências na luta por moradia no Norte de Minas: o caso da Ocupação Tereza de Benguela (MTST) em Montes Claros”, de Júlia Canuto, analisa como a concentração de uma parte significativa da população em ocupações reflete as raízes históricas dos problemas das questões urbanas no Brasil. O artigo apresenta a evolução da visibilidade dos conflitos urbanos com a chegada do MTST, propondo reflexões sobre as particularidades das violências e resistências na luta por moradia em Montes Claros, bem como evidencia a contribuição dos movimentos sociais na luta pelo direito à cidade.

Cristiane Elias em “O reinado dos congos da cidade de Itapira: cultura e relações raciais” descreve as congadas da cidade de Itapira, localizada no interior do estado de São Paulo em diálogo com as

relações raciais estabelecidas no espaço urbano. Seu texto problematiza o apagamento e o lugar dos povos negros na historiografia de Itapira, a partir do processo do crescimento da região do oeste paulista, que se deu atrelado ao plantio de café e à escravidão negra.

“Do outro lado do mundo branco: experiências da cidade nos feminismos negros contemporâneos”, de Julia Abdalla, investiga trajetórias urbanas da comunidade negra e, em particular, das trabalhadoras domésticas e sexuais a partir de um trabalho etnográfico com ativistas no Sudeste do Brasil entre 2016 e 2018. O trabalho traz percepções sobre trajetórias urbanas de trabalhadoras domésticas e sexuais, relacionando gênero, raça e espaço urbano para compreender a transformação das cidades no pós-abolição, bem como os papéis laborais e morais na constituição de uma divisão sexual e racial do trabalho.

Em “Afrofuturismo e o Afropensamento na sociedade brasileira: literatura e a identidade na conquista do protagonismo negro”, Ana Carolina Lima, Daniela Santos e Fabio Lanza discutem processos de constituição identitária de pessoas negras, associando-os com a perspectiva de produção literária e pensamento social, designados como afrofuturismo e afropensamento na sociedade brasileira ao longo do século XXI. Os pesquisadores refletem sobre o que chamam de “identidade moderna fragilizada” e apresentam a literatura brasileira como meio de afirmação ou apagamento identitário a partir da constituição do gênero literário afrofuturista e suas concepções relacionadas com o afropensamento.

O último bloco do dossiê debate representações e auto representação das juventudes negra e favelada. Os textos analisam a produção de narrativas, contra narrativas e geração de dados tanto por parte da grande mídia, como de mídias comunitárias e grupos periféricos. Analisando um sequestro, uma intervenção militar e a pandemia da Covid-19, os autores refletem sobre como determinadas violações são intensificadas através de processos de criminalização de corpos e territórios. Ao mesmo tempo, mostram como a comunicação comunitária e a geração de dados “a partir da favela e para favela” ganham cada vez mais centralidade enquanto ferramentas políticas de resistência em contextos militarizados.

Henrique da Silva e Gisele Massola em

“Então, eu não tenho mais nada a perder mais, não, irmão!: Juventudes negras, violência e pedagogias culturais no Portal G1 de notícias” exploram as complexas relações entre juventudes negras, (in)visibilidade e violência, focando nas possíveis reverberações desses contextos na formação de identidades. A análise parte de reportagens sobre o sequestro do ônibus 174, em 2000, no Rio de Janeiro para debater formas de respaldar a morte do outro-negro como algo banal, enfatizando o racismo estrutural e a violência policial presente nas cidades.

O artigo de Gizele Martins “A Maré Vive: Da censura à reinvenção do fazer comunicação comunitária favelada” discute duas iniciativas em que comunicadores comunitários da favela da Maré sofreram violações de direitos: a ocupação militar do exército de 2014 e a censura sofrida pelos criadores da página Maré Vive; a pandemia da Covid-19 em 2020 combate a desinformação e fornecimento de alimentos pelos comunicadores comunitários. Ambos os movimentos mostram que os comunicadores são parte importante de processos de mobilização, denúncia e autoproteção comunitária em territórios que sofrem constantes com a militarização e violações de direitos.

O artigo de Thaís Cruz, intitulado “Favelas que (se) contam: a produção de dados como ferramenta política”, demonstra como no período recente a mobilização nas favelas e periferias tem priorizado a produção de dados. Entre censos, levantamentos, painéis unificados de dados e pesquisas, a autora analisa as experiências desenvolvidas nos Complexos de favelas da Maré e do Jacarezinho e mostra como o investimento na produção de dados próprios objetiva criar narrativas desvinculadas de estereótipos negativos, serve como ferramenta para a incidência política e contribui para ampliação dos repertórios de práticas.

Por fim, o dossiê ainda traz a resenha de Marcelo Filho sobre a coletânea “Rio a Oeste: Modos de Habitar e Fazer a Cidade”, organizada por Frank Davies e Fábio Araújo e publicada em 2022. O livro reúne textos de pesquisadores que articulam diferentes metodologias, teorias e objetos de pesquisa. A comunhão destes trabalhos acontece pelo interesse em uma região específica da cidade do Rio de Janeiro: a Zona Oeste. Longe dos mais famosos cartões-postais da Zona Sul e Centro, os bairros à Oeste tão diversos trazem suas especificidades de habitação, produção de bairros, violência urbana e ações coletivas.

De um modo geral, os trabalhos que compõem o dossiê problematizam mudanças nas dinâmicas da violência urbana e seus impactos, levando em consideração as dimensões territoriais, criminal, estatal, infraestrutural, étnico-racial, interseccional, geracional e/ou religiosa. Os textos analisam experiências de resistências cotidianas, associativismos e movimentos sociais, redes de produção de conhecimento, memória e comunicação comunitária, formas de ativismos jurídicos ou mesmo iniciativas que acionam a arte e a cultura como meio de resistência à violência em várias cidades do Brasil. Apontando, portanto, que frente a intensificação das violências nas margens urbanas, há uma significativa ampliação do repertório das resistências que atualmente só podem ser compreendidas a partir de uma perspectiva racializada, generificada e territorializada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio; SALLA, Fernando. “Criminalidade Organizada nas Prisões e os Ataques do PCC”. Estudos Avançados (Dossiê Crime Organizado), no 61, 2007.

ADERALDO G. Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. Tese em antropologia. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.

ALVAREZ, M. C.; CAMPOS, M.; SALLA, F. Crime, Punishment and Inequality in Brazil: reflections from the global South. In: Farrall, S.; McVie, S., Handbook of Inequality and Crime (no prelo).

ALVES, José Claudio. Dos barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense. apph-Clio, Duque de Caxias, 2003.

ARAÚJO, Fabio. Das “técnicas” de fazer desaparecer corpos: Desaparecimentos, violência, sofrimento e política. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

BARBOSA, Antonio Rafael. Um Abraço para todos os Amigos: Algumas Considerações sobre o Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 1998.

BARROS, Rachel. Vida militarizada: pontos sobre a

- violência urbana no Rio de Janeiro. Proposta (Rio de Janeiro), v. 42, p. 52-57, 2019.
- BARROS, Rachel. “Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui”: a voz das favelas na luta contra violência policial. In: Radar Covid-19 Favelas, edição nº 9, maio/2021. Rio de Janeiro: Cooperação Social / Fiocruz, 2021.
- BEATO, C., & ZILLI, L. F.. A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 27(Rev. bras. Ci. Soc., 2012 27(80)), 71–88, 2012.
- BIRMAN, Patrícia; FERNANDES, Adriana; PIEROBON, Camila. Um emaranhado de casos: tráfico de drogas, estado e precariedade em moradias populares. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 431-460, Dec. 2014.
- CAMARGOS, P. A. P. Neoliberalismo e Política Criminal no Brasil após 1988: entre a redemocratização e a desdemocratização. *CADERNOS DE GESTÃO PÚBLICA*, v. 26, p. 1-18, 2021.
- CAMPELLO, R. U.; ALVAREZ, M. C. . «É bloqueio de sinal»: monitoramento eletrônico, punição e autoridade sociotécnica. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ONLINE)*, v. 37, p. 1-16, 2022.
- CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAMPOS, M. S. *Pela Metade: a lei de drogas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2019.
- CAMPOS, M. S. ; ALVAREZ, M.C . Políticas Públicas de Segurança, Violência e Punição no Brasil (2000-2016). In: Sergio Miceli; Carlos Benedito Martins. (Org.). *Sociologia Brasileira Hoje*. 1ed. Coitia: Ateliê Editorial, 2017, v. , p. 143-217.
- CAMPOS, Marcelo da Silveira e Azevedo, Rodrigo Ghiringhelli de. A ambiguidade das escolhas: política criminal no Brasil de 1989 a 2016. *Revista de Sociologia e Política*, 2020, v. 28, n. 73.
- CANO, Ignácio; DUARTE, Thais Lemos. *No Sapatinho: A Evolução das Milícias no Rio de Janeiro (2008-2011)*. Rio de Janeiro: Heinrich Boll Stiftung, 2012.
- CORRÊA, Diogo Silva. Entre o querer e o não querer: Dilemas existenciais de um ex-traficante na perspectiva de uma sociologia dos problemas íntimos. *Tempo Social*, 32(2), 175-204, 2020.
- D’ANDREA, T. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.
- DAS, Veena, POOLE, Deborah (Eds.). *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe, School of American Research Press, 2004
- DEUS, Lucas Obalera de. *Por uma perspectiva afrorreligiosa: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso*. Lucas Obalera de Deus. – Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2019.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FARIAS, Juliana. *Governo de mortes: Uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2020.
- FELTRAN, Gabriel; MOTTA, Luana. *Polícia e ladrão: Uma abordagem etnográfica em pesquisa multimétodos*. *RUNA*, arquivo para las ciencias del hombre, v. 42, p. 43-64, 2021
- FELTRAN, G. *Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo*. *Lua Nova*, n.79, p. 201-233, 2010b.
- FERNANDES, Heloísa Rodrigues. *Política e segurança: Força Pública do Estado de São Paulo, fundamentos histórico-sociais*. São Paulo: Alfa Ômega, 1973.
- FERREIRA, Rosa Maria Fisher (1979) *Meninos da rua: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: Comissão Justiça e

Paz de S. Paulo; CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho (1997) *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp. [1a. edição 1969] LEURY, S.; MENEZES, P. Pandemia nas favelas: entre carências e potências. *Saúde em Debate*. Vol. 44, n.4, Rio de Janeiro, 2020.

GODOI, Rafael; ARAUJO, Fábio; MALLART, Fábio . Espacializando a prisão: a conformação dos parques penitenciários em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Novos Estudos*. CEBRAP, v. 38, p. 591-611, 2019.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas*. Tradução . São Paulo: 7Letras, 2013.

GUIMARÃES, A. S. A.. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 93–107, jan. 2003.

HIRATA, Daniel; COUTO, Maria Isabel. *Mapa Histórico dos Grupos Armados no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Henrich Böll, 2022.

HIRATA, D.V. ; GRILLO, C. C. . Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro: perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. *TEMPO SOCIAL (ONLINE)*, v. 29, p. 75, 2017.

HIRATA, DANIEL; GRILLO, C. C. ; LYRA, D. A. ; DIRK, RENATO . A chacina sem capuz e a estatização das mortes. *Revista Piauí*, 28 jul. 2022.

KOWARICK, Lúcio (1977) *Capitalismo e Marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KOWARICK, Lucio (1979). *Espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LEITE, Márcia; ROCHA, Lia; FARIAS, Juliana;

CARVALHO, M. (Orgs.) *Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

LIMA, R. S; RATTON, J. L. As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública: Urbania*: ANPOCS, 2011.

KANT DE LIMA, R.. Direitos civis e Direitos Humanos: uma tradição judiciária pré-republicana?. *São Paulo em Perspectiva*, v. 18, n. 1, p. 49–59, jan. 2004.

LIMA, K; CAMPOS, M. Sujeição sanitária e cidadania vertical: Analogias entre as políticas públicas de extermínio na segurança pública e na saúde pública no Brasil de hoje. *Revista Dilemas IFCS-UFRJ*, v. 14, p. 1-9, 2021.

LOURENÇO, Luiz; ALVAREZ, Marcos. Estudos sobre prisão: um balanço do estado da arte nas Ciências Sociais nos últimos vinte anos no Brasil (1997-2017). *BIB- Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, v.02, p. 216-236, 2018.

MAGALHÃES, Alexandre. 2012. “A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106.

MACHADO DA SILVA, L. A. Violência e sociabilidade: tendências da atual conjuntura urbana no Brasil. In: QUEIROZ RIBEIRO, L. C. e SANTOS Jr. (orgs.) *Globalização, fragmentação e reforma urbana*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1994.

MACHADO DA SILVA, L. Vida sob cerco: violência e rotina em favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. “Violência urbana, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro”. *Cadernos CRH*, Salvador, 23, 59:283-300, 2010.

MACHADO DA SILVA, L. A.; MENEZES, P. V. “(Des)continuidades na experiência de ‘vida sob

cercos e na ‘sociabilidade violenta’”. *Novos Estudos*. CEBRAP, v. 38, p. 529-551, 2019.

MACHADO, Carly. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS), v. 20, p. 153-180, 2014.

MEDEIROS, Flavia; EILBAUM, Lucía. Quando existe “violência policial”? Direitos, moralidades e ordem pública no Rio de Janeiro. In.: *Dilemas*, Rio de Janeiro, UFRJ, Vol. 8, n.3:407428, 2015.

MELO, J. ., & PAIVA, L. F. S. Violências em territórios facionados do Nordeste do Brasil: notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. *Revista USP*, (129), 47-6, 2021.

MENEZES, Palloma. Monitorar, negociar e confrontar: as (re)definições na gestão dos ilegalismos em favelas “pacificadas”. *Tempo Social*, 30(3), 191-216, 2018

MENEZES, Palloma.; MAGALHÃES, Alexandre.; SILVA, Caíque. F. Painéis Comunitários: a disputa pela verdade da pandemia nas favelas cariocas. *HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS* (UFRGS. IMPRESSO). , v.n.59, p.109 - , 2021.

MENEZES, P. Entre o fogo cruzado e o campo mina: a “pacificação” das favelas cariocas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023.

MIAGUSKO, Edson ; JARDIM, F. ; CORTES, M. . Governo, gestão de populações e subjetividades: balanço e perspectivas analíticas. *REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA* , v. 6, p. 242-265, 2018.

MISSE, Michel. “Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro”. *Civitas*, 8:371-385, 2008.

MAGALHÃES, Alexandre. “A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106, 2022.

OLIVEIRA, R. G.; CUNHA, A.; GADELHA, A. G. S.; CARPIO, C. G.; OLIVEIRA, R. B.; CORRÊA,

R. M. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. *CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA*, v. 36, p. 1-14, 2020.

PAES MANSO, Bruno. A república das milícias: dos esquadrões da morte à Era Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.

PERLMAN, Janice (2002). O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3.a edição. [1ª. edição 1977].

RIOS, Flavia. Antirracismo, movimentos sociais e Estado. In: Adrian Laval, Euzeneia Carlos, Monika Dowbor e José Szwako. (Org.). *Movimentos sociais e Institucionalização: políticas sociais, raça e gênero no Brasil pós-transição*. 1ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2019, v. , p. 255-283.

SÁ, Leonardo. A condição de bichão da favela e a busca por consideração: uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 4, p. 339-355, 2011.

SALLA, FERNANDO; TEIXEIRA, ALESSANDRA . O crime organizado entre a criminologia e a sociologia. *TEMPO SOCIAL (ONLINE)*, v. 32, p. 147-171, 2020.

SCHERER-WARREN, I. Movimentos sociais e pós-colonialismo na América Latina *Ciências Sociais Unisinos*, vol. 46, núm. 1, janeiro-abril, 2010, pp. 18-27.

SOZZO, Máximo. La inflación punitiva: un análisis comparativo de las mutaciones del derecho penal en América Latina (1990-2015). Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Flacso/Café de las Ciudades, 2017. 434 p.

TEIXEIRA, Alessandra (2016). *O Crime pelo Averso: Gestão dos ilegalismos na cidade de São Paulo*. São Paulo: Alameda Editorial.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. De “corações de pedra” a “corações de carne”: algumas considerações sobre

a conversão de “bandidos” a igrejas evangélicas pentecostais. Dados, 2011, v. 54, n. 30, 2021 , pp. 449-478.

TELLES, V. S.. Resistências, sublevações, o ‘rumor das batalhas’. DILEMAS: REVISTA DE ESTUDOS DE CONFLITO E CONTROLE SOCIAL, v. 2, p. 11-28, 2017.

TELLES, V. S.. Pobreza e Cidadania: Precariedade e Condições de Vida. In: MARTINS, Heloisa de Souza; RAMALHO, José Ricardo. (Org.). TERCEIRIZAÇÃO, DIVERSIDADE E NEGOCIAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO. SÃO PAULO: HUCITEC, 1994, v. , p. 84-109.

VITAL DA CUNHA, Christina. Oração de traficante: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

WERNECK, Alexandre. O Ornitorrinco de Criminalização: A Construção Social Moral do Miliciano a partir dos Personagens da Violência Urbana do Rio de Janeiro. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Vol. 8 - no 3 - JUL/AGO/SET 2015 - pp. 429-454.

ZALUAR, A. Condomínio do diabo: as classes populares urbanas e a lógica do ferro e do fumo. Simpósio, IFCH, UNICAMP, *mimeo*. In: PINHEIRO, P.S. (org.) Crime, violência e poder. Brasiliense, São Paulo, 1983.

ZILLI, Luís Felipe. O mundo do crime e a lei da favela: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. Etnográfica, Lisboa, v. 19, n. 3, p. 463-487, 2015.